



resenha:

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (da Tríplice Aliança ao Mercosul), 1870-2003*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010 – 3ª edição revista e ampliada, 669 págs.

Brasil, Argentina e Estados Unidos

Consuelo Novais Sampaio*

Devorei as mais de 600 páginas desta obra [de Luiz Alberto Moniz Bandeira] com a mesma avidéz com que lia Agatha Christie nos meus verdes anos

Assim como o governo dos Estados Unidos soube, com antecedência, que Pearl Harbor seria bombardeada e nada fez para evitá-lo, também sabia, desde 1996, que Al-Qaeda poderia usar aviões em ataques suicidas contra o quartel-general da CIA e outros alvos. Nada fez para evitá-los. As perdas de vidas humanas, consideradas “contingenciais”, justificariam a entrada dos EUA na 2ª Guerra Mundial e, no 11 de setembro, a guerra ao terrorismo – há muito planejada e concretizada no Oriente Médio, para o domínio de imensas reservas de petróleo. Osama bin Laden, produzido pela CIA, virou inimigo.

Esse é um dos temas do 26º capítulo agregado à terceira edição (Civilização, 2010) do livro *Brasil, Argentina e Estados Unidos*, do aclamado cientista-político Luiz Alberto Moniz Bandeira. Também compreendemos melhor a relação entre a recessão nos EUA e a guerra do Afeganistão, assim como a atual tensão entre Colômbia e Venezuela, ao evidenciar-se a clara participação dos EUA no golpe para a

derrubada do presidente Hugo Chávez, abril 2002.

A perspectiva histórico-comparativa, ao tempo em que estabelece a unidade e interação entre política nacional e internacional – uma não pode ser compreendida sem a outra –, é característica marcante das obras de Moniz Bandeira. Esta abordagem ilumina o livro desde o primeiro capítulo, centrado nas consequências da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), na qual o Brasil se uniu à Argentina e ao Uruguai contra o Paraguai. O olhar arguto do autor aí situou a origem da rivalidade Brasil-Argentina, mediatizada pelos interesses ingleses e norte-americanos, geradores de graves tensões e crises, oriundas de litígios banais e questões de fronteiras, como a atual entre Colômbia e Venezuela.

O fascínio deste livro cresce com a análise das variações nas relações entre o Brasil e a Argentina após a 2ª Guerra, quando esta “caiu em completa dependência dos EUA, dependência

maior que a do Brasil”. Durante a “guerra fria”, o inimigo era o comunismo e a salvação, o pan-americanismo. Mas em 1951, Vargas e Perón concordaram que o combate ao comunismo se faria erradicando-se as causas: pobreza, miséria, desigualdades sociais imensas. Advogavam a 3ª posição, com a formação na América Latina de um bloco independente, o que, para os EUA, visava desagregar o “pan-americanismo”.

Foram ingentes os esforços da Argentina, Brasil e Chile para a construção da união aduaneira, expressa no Pacto ABC, embrião do atual Mercosul que tanto desagrada ao governo dos EUA. Talvez mais que a recusa de Vargas e Perón a enviar tropas para a Guerra da Coreia (1950-1953).

O suicídio de Vargas (1954), a questão de Cuba e sua expulsão da OEA, a mudança na estratégia de segurança do hemisfério – agora priorizando o inimigo interno – dando lugar a sangrentos golpes de estado que avassalaram nossas nações; assim como as difíceis negociações da Alca, a expansão das guerrilhas e do narcotráfico; o cerco dos EUA ao Mercosul, com a saída do Chile e a

entrada da Venezuela, são fenômenos magistralmente analisados. Só podem ser entendidos quando relacionados aos interesses internacionais dominantes. Esses e tantos outros temas preenchemos “brancos” do nosso conhecimento, tornando-nos mais firmes e conscientes em relação ao futuro.

Difícil dizer o que mais fascina nos livros escritos por este notável baiano. A base de dados que ergueu torna suas assertivas e argumentos inquestionáveis: 35 arquivos textuais de eminentes homens públicos, de nações sul-americanas, dos EUA, Grã-Bretanha, Espanha e França, ao lado de preciosas fontes impressas, farta e atual bibliografia. O leitor é presa fácil da escrita clara, atraente, instigante, de fácil compreensão, privilégio do autor. Devorei as mais de 600 páginas desta obra, sobre as intrincadas relações entre política nacional e internacional, com a mesma avidez com que lia Agatha Christie nos meus verdes anos. Fiquei orgulhosa da nossa política externa e, mais ainda, de ser brasileira. Parabéns, Luiz Alberto Moniz Bandeira por mais essa grande contribuição à nossa cidadania.



* **CONSUELO NOVAIS SAMPAIO** é Doutora em História pela The Johns Hopkins University. Email: consuk@terra.com.br Publicado em A TARDE/Opinião/, SALVADOR quinta-feira 29/7/2010.